

MONTHLY HOUSE VIEW

MAIO DE 2026

Centro de controlo



01	EDITORIAL Centro de controlo	P3
02	MACROECONOMIA E ESTRATÉGIA DE INVESTIMENTO Desta vez é diferente (uma vez mais)	P4
03	EM FOCO Ásia: a nova normalidade	P8
04	PERSPETIVAS DE MERCADO Crédito: uma âncora em mares agitados	P10
05	MONITOR DE MERCADO Visão geral dos mercados selecionados	P12
06	CONHEÇA A EQUIPA	P13
07	GLOSSÁRIO	P14
08	TERMO DE RESPONSABILIDADE	P15



Alexandre DRABOWICZ
Global Chief
Investment Officer

Estimada leitora, estimado leitor,

Em abril de 2026, os quatro astronautas da Artemis II viajaram até mais de 400.000 km da Terra, ultrapassando o recorde de distância estabelecido pela Apollo 13 em 1970 e marcando a primeira viagem tripulada à volta da Lua desde 1972. Estes “embaixadores da humanidade junto das estrelas” ofereceram-nos uma nova perspetiva com a sua fotografia Earthset (Pôr da Terra), que evoca a icónica fotografia Earthrise (Nascer da Terra), captada há 57 anos. Ao ver a Terra de uma tal distância, os astronautas recordaram-nos como o nosso mundo é realmente pequeno e vulnerável, em particular numa altura em que estamos tão dependentes do Estreito de Ormuz, com os seus 34 quilómetros de largura, uma estreita via que se converteu no mais crítico “ponto de estrangulamento” para o comércio global e para os fluxos de energia de uma parte significativa do mundo.

UMA AMEAÇA ENERGÉTICA GLOBAL

Conforme sublinhou Fatih Birol, o diretor da Agência Internacional da Energia (AIE), o atual conflito que envolve o Irão desencadeou a “maior ameaça da história à segurança energética global”. Embora o resultado desta crise permaneça incerto, há uma lição a extrair. Nenhum governo verá com bons olhos o regresso a uma situação de dependência estratégica deste estreito controlado por um país imprevisível.

A redução desta vulnerabilidade torna inevitável um significativo investimento em novas infraestruturas. O oleoduto Leste-Oeste da Arábia Saudita, por exemplo, tem capacidade para transportar até 7 milhões de barris por dia, o que é menos de metade dos 15 milhões de barris diários que normalmente transitam pelo Estreito de Ormuz. Isto não é suficiente. O mundo precisa agora de reencaminhar uma grande parte das exportações de petróleo, gás natural, adubos, enxofre e hélio – essenciais para muitos países – que atualmente dependem desta estreita via. É uma dificuldade que tem de ser ultrapassada. Esta situação destaca a necessidade urgente de abrir rotas alternativas, de aumentar a capacidade de transporte em oleodutos e de criar novos portos para garantir a segurança energética mundial. Tais projetos levarão anos a concluir, mas é agora incontestável a absoluta necessidade de reduzir o risco das cadeias de abastecimento globais.

A DEPENDÊNCIA DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

Para a Europa, as consequências são imediatas. A estabilidade dos preços tornou-se o principal motivo

de preocupação à medida que sobe a inflação fomentada pela energia. Prevemos, agora, que a inflação global atinja 3% em 2026, com picos superiores a 4% durante o ano, o que representa um desafio significativo para o mandato de estabilidade de preços do Banco Central Europeu (BCE). Conforme observou recentemente a presidente Lagarde, “encontramo-nos de novo num mundo diferente, cujos contornos ainda não são claros”.

A dependência energética da Europa é a sua maior vulnerabilidade, uma realidade sublinhada pela crise na Ucrânia e, agora, pela renovada instabilidade no Médio Oriente. O impacto vai além da inflação, afetando também o crescimento, a competitividade e as finanças públicas. Embora a fase inicial da transição energética da Europa tenha sido impulsionada pelos compromissos ambientais assumidos no âmbito do Acordo de Paris, a fundamentação está a mudar. Os custos orçamentais e económicos diretos dos sucessivos choques energéticos exigem agora uma ação urgente.

Segundo a Comissão Europeia, são necessários investimentos anuais na ordem dos 660 mil milhões de euros entre 2026 e 2030 para atingir os objetivos em matéria de energia sustentável. Embora estes valores pareçam assustadores, a alternativa, ou seja, os 400 mil milhões de euros que a Europa gasta anualmente com a importação de combustíveis fósseis, realça os benefícios no longo prazo da aceleração da transição. Uma vez criadas as infraestruturas, a energia renovável de produção interna custará uma fração do valor das importações atuais. O objetivo será, então, o saneamento das finanças públicas e uma maior estabilidade dos preços.

A autonomia estratégica, até aqui um conceito amplo e frequentemente mal definido, está cada vez mais no centro da segurança nacional e da soberania tecnológica. Atualmente, o foco está na defesa, nas tecnologias avançadas como a inteligência artificial (IA), nas infraestruturas críticas e na garantia de acesso a recursos naturais essenciais, isto sobretudo para os países mais expostos a vulnerabilidades de abastecimento. Esta evolução está a alinhar a política económica com as prioridades geopolíticas na Europa, no Médio Oriente, na China e nos Estados Unidos, criando um tema de investimento mais claro e duradouro.

Espero que considere a edição deste mês interessante e esclarecedora. Também faço votos de que os nossos colegas e clientes no Médio Oriente estejam em segurança e de que se consiga uma resolução rápida e pacífica.



Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation

No seu livro de 2009, “Desta vez é diferente”, Carmen Reinhart e Kenneth Rogoff advertem contra a crença de que qualquer crise é verdadeiramente única. Ainda que as bolsas de valores estejam a reagir de forma semelhante à de choques geopolíticos anteriores, o atual choque energético global destaca-se por pontos de partida marcadamente diferentes para as várias economias, fazendo com que as respostas e os resultados políticos variem em comparação com a última crise energética.



Bénédicte KUKLA
Chief Strategist

CENÁRIO MACROECONÓMICO

A QUANTIFICAÇÃO DA CRISE ENERGÉTICA

Com 20% do abastecimento mundial de petróleo e de gás natural liquefeito (GNL) a transitar pelo Estreito de Ormuz, a atual crise energética é multifacetada. Preve-mos que o petróleo Brent atinja um pico de 100 dólares por barril no segundo trimestre de 2026, antes de cair para uma média de 85 dólares no final de 2026 e de 80 dólares em 2027. O conflito deverá ter efeitos duradouros nos preços do gás natural na Ásia e na Europa. Os preços do gás nos Estados Unidos permanecem estáveis devido ao excesso de oferta interna e à capacidade de armazenamento. Na Europa, apesar do baixo nível dos stocks (próximos dos de 2022), a redução da dependência do gás, juntamente com o aumento das energias renováveis e a plena recuperação da capacidade de produção nuclear francesa, deverá atenuar o impacto. A Ásia está a centrar-se na redução da procura, mas a concorrência entre as regiões no que respeita ao fornecimento de GNL dos EUA irá intensificar-se, com os efeitos nos preços a fazerem-se sentir em vagas, em particular na Europa, onde os mercados estão mais regulamentados e onde predominam os contratos a preço fixo.

DIFERENÇAS VISÍVEIS NOS MERCADOS DE TRABALHO

O atual choque energético vai para além da energia, já que também afeta os transportes, os produtos petroquímicos, os fertilizantes e, até mesmo, os produtos farmacêuticos. Embora já tenham sido referidos riscos gerais para a inflação, o impacto final depende

da duração da crise. As expetativas de inflação dos mercados e dos consumidores aumentaram em todo o mundo, mas a nossa principal preocupação são os efeitos salariais de segunda ordem, que deverão diferir acentuadamente dos observados em 2022. Nos EUA, cuja taxa de desemprego se situa nos 4,3%, o mercado de trabalho está estagnado (ausência de volumes significativos de contratações ou despedimentos) e a criação de postos de trabalho está condicionada pela inteligência artificial (IA) e pelo agravamento da incerteza. Embora os dados de alta frequência relativos às contratações permaneçam resistentes, o risco de uma espiral de preços-salários é, em última análise, limitado.

Na Europa, a taxa de desemprego mantém-se baixa (6,2%, abaixo de 2022) e persiste a retenção de trabalhadores no setor dos serviços. No entanto, as ofertas de emprego diminuíram desde 2022 e o crescimento dos salários registou uma considerável moderação. Além disso, os inquéritos de março do Índice de Gestores de Compras (PMI) refletem um aumento acentuado dos preços dos fatores de produção na indústria transformadora devido aos custos da energia, mas os preços de venda apenas registaram uma subida moderada. Isto sugere que as empresas estão, para já, a absorver o aumento dos custos em vez de o repercutirem, o que dificilmente constitui um contexto para aumentos salariais, exceto em países onde os salários estão indexados à inflação (por exemplo, a Bélgica). O Japão, pelo contrário, enfrenta o choque energético num mercado de trabalho estruturalmente mais restritivo, com os salários finalmente a reagir. Em fevereiro, o salário base subiu 3% em variação homóloga, o maior aumento em mais de três décadas.

DIFERENTES CHOQUES, DIFERENTES RESPOSTAS POLÍTICAS

Num contexto de mercado de trabalho não inflacionista combinado com a desinflação no setor da habitação e com o dissipar dos efeitos das taxas aduaneiras, prevemos que a subida dos preços no consumidor resultante do choque energético nos EUA seja suficientemente dolorosa para abrandar o crescimento do consumo em 2026 para menos de 2% em variação homóloga (contra 2,7% em média desde 2024). Contudo, este abrandamento deverá ter uma duração relativamente pequena (quadro 1). As expetativas de inflação nos EUA permanecem ancoradas. Prevê-se que a Reserva Federal (Fed) não se prenda ao choque energético e se concentre, antes, no mercado de trabalho, o que justificaria um corte adicional de 25 pontos base até ao final de 2026. Na Europa, o Banco Central Europeu (BCE) está sob apertado escrutínio dos mercados, que antecipam subidas nas taxas diretoras devido ao aumento das expetativas de inflação. Contudo, uma vez que os mercados já estão a restringir as condições financeiras (em abril, o Bund está acima de 3%, em comparação com cerca de 0% no início da guerra na Ucrânia), o BCE poderá dar-se ao luxo de manter as taxas inalteradas em 2026 e deixar que os mercados façam o grosso do trabalho. Por último, o Banco do Japão poderá adiar as subidas das suas taxas diretoras, mas acabará por ter de o fazer pelo menos duas vezes em 2026, o que complica os projetos de incentivos do governo.



O BCE vai deixar que os MERCADOS façam o GROSSO DO TRABALHO

PONTO DE VIRAGEM PARA A AUTONOMIA ESTRATÉGICA?

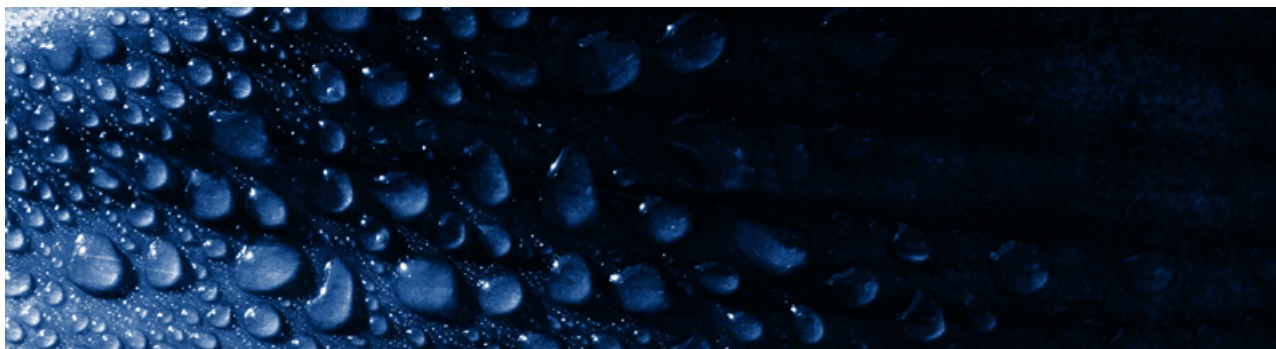
Apesar dos progressos registados desde 2022, a crise energética voltou a expor as vulnerabilidades e a falta de autonomia estratégica da Europa, nomeadamente na IA, na defesa e nos recursos naturais, assim como nas respetivas infraestruturas. É inegável que as despesas com a defesa estão a progredir, ao passo que o renovado interesse pelas energias renováveis realça a necessidade urgente de investimento. Conforme se viu com o plano de incentivos alemão, o financiamento público (um apoio em períodos de recessão) pode ajudar a defesa e as infraestruturas, mas o investimento na energia permanece frequentemente nas mãos do setor privado. Fazer avançar a União da Poupança e do Investimento é crucial para a autonomia da Europa e para um euro forte. Em março de 2026, os ministros das Finanças das seis maiores economias da União Europeia (UE) apelaram a uma rápida integração dos mercados de capitais e a um acordo sobre o Pacote de Integração e Supervisão dos Mercados da UE (MISP) até ao verão de 2026, a fim de eliminar os obstáculos e estimular o investimento transfronteiriço, o que reflete um compromisso político mais claro. Entretanto, os EUA prosseguem o seu grande investimento em infraestruturas de IA, mas o investimento no setor petrolífero continua a ser limitado, uma vez que as expetativas de normalização dos preços atenuam esta dinâmica. A China, por seu lado, mostra-se cada vez mais resistente e autónoma num ambiente de ventos geopolíticos contrários.

QUADRO 1: PREVISÕES MACROECONÓMICAS 2025-2027,%

● Previsões em baixa desde a última edição ● Previsões em alta desde a última edição

	PIB %			INFLAÇÃO %		
	2025	2026	2027	2025	2026	2027
Estados Unidos	2,2%	2,4%	2,0%	2,7%	3,3%	2,2%
Zona euro	1,6%	0,9%	1,0%	2,1%	3,0%	2,6%
China	4,9%	4,6%	4,3%	0,2%	0,8%	1,3%
Japão	1,2%	0,5%	1,0%	3,2%	2,0%	2,3%
Mundo	3,0%	3,1%	3,0%	-	-	-

Fonte: Indosuez Wealth Management.



Jean-Marc TURIN, CFA
Head of Patrimonial Funds

CONVICÇÕES DE ALOCAÇÃO

O recente cessar-fogo veio acalmar os mercados, eliminando um prémio de risco significativo e proporcionando uma pausa temporária nas previsões mais pessimistas. Tal como em meados de abril, a situação continua instável, mas ambas as partes parecem inclinadas para um desanuviamento, com indícios de uma influência chinesa a atuar discretamente em segundo plano. Se bem que o impacto no médio prazo permanece incerto, os fundamentais subjacentes das empresas continuam a exibir resiliência e a justificar um posicionamento construtivo. Os mercados recuperaram rapidamente, o que constitui uma boa chamada de atenção para os investidores relativamente à dificuldade de prever a evolução dos mercados (especialmente quando esta pode depender de uma única publicação nas redes sociais) e para a importância de se manter investido.

AÇÕES

No que respeita às ações, o cessar-fogo entre os EUA e o Irão foi muito oportuno, evitando, para já, situações mais graves nos mercados e viabilizando uma rápida recuperação dos ativos de risco. Se esta recuperação se revelar sustentável, os mercados poderão evoluir de forma semelhante à de episódios geopolíticos anteriores, em que os índices tendem a atingir um nível de suporte ao fim de um mês após as correções iniciais, para depois retomarem a sua trajetória ascendente. No entanto, a natureza imprevisível dos conflitos militares não permite excluir novas fases de volatilidade, sobretudo se o preço do petróleo voltar a subir. A época de resultados do primeiro trimestre revelará de forma mais clara o impacto dos recentes acontecimentos nas empresas. Até à data, as revisões dos lucros têm-se mantido sólidas e, na verdade, com uma tendência de alta, mesmo num quadro de recuo geral das cotações.

Nos EUA, a independência energética beneficia os mercados, cujo desempenho e, também, os lucros continuam a ser sustentados pela inteligência artificial (IA), refletindo a atenção dada à sustentabilidade dos fluxos de investimento para o setor. As expectativas de

crescimento económico permanecem relativamente sólidas e a política monetária continua a dar apoio à economia. As médias capitalizações dos EUA, em particular, tiveram um desempenho acima da média de mercado, beneficiando da antecipação de ganhos de produtividade atribuíveis à IA, assim como dos efeitos positivos de descidas nas taxas de juro. Embora continuem a ser superiores às de outras regiões, as cotações são mais atrativas do que antes do recente conflito, devido a uma maior liquidez e a perspectivas mais sustentáveis para as ações tecnológicas.

Os mercados emergentes continuam a oferecer vantagens em termos de diversificação. Em março, após um notável período de melhores desempenhos, moderámos o nosso posicionamento nestes mercados de modo a refletir dinâmicas de curto prazo menos favoráveis, com a Ásia a ser mais afetada pelo aumento do preço do petróleo e pela recente apreciação do dólar. Contudo, mantemos perspectivas estratégicas positivas, assentes em fundamentais sólidos, numa dinâmica positiva dos lucros e em políticas económicas proativas. As regiões e temas selecionados continuam a encerrar oportunidades interessantes, em especial no setor da tecnologia na Ásia e nos mercados da América Latina, onde o aumento da procura de matérias-primas representa um apoio adicional. Em contrapartida, a maior exposição do Japão às importações de energia e a debilidade do iene justificam uma abordagem mais cautelosa.

Na Europa, as perspectivas são, agora, menos positivas e, em conformidade, adotámos uma menor exposição através da redução das posições nas pequenas capitalizações europeias que nos merecem uma menor convicção. Embora não enfrente uma recessão iminente e persistam oportunidades em setores ligados ao tema da "Autonomia Estratégica", a Europa, tal como o Japão, continua muito exposta aos choques energéticos. A reabertura do Estreito de Ormuz não eliminará a necessidade de reconstituir os stocks de energia e é provável que persista a concorrência da Ásia pelos recursos. Embora os lucros tenham aumentado, as revisões em alta ficaram aquém das registadas noutras regiões. As cotações subiram, ainda que menos do que noutros mercados, além de que o desempenho

das pequenas e médias capitalizações justifica uma análise permanente num quadro de condições financeiras mais restritivas e de pressões inflacionistas impulsionadas pela energia.

RENDIMENTO FIXO E MERCADOS DO CRÉDITO

Nos mercados de obrigações, a conjuntura continua a caracterizar-se por uma volatilidade acrescida e pela provável persistência do choque energético. Neste contexto, continuamos a manter uma baixa sensibilidade às taxas de juro, assim como um posicionamento prudente nas dívidas soberanas. A presente incerteza quanto às políticas orçamentais e o crescente risco de um choque energético duradouro deverão exercer pressão no segmento longo da curva de rendimentos. Uma maior normalização das taxas de juro poderá criar oportunidades mais atrativas, em particular na zona euro, onde, na nossa opinião, os mercados mantêm expectativas de aperto monetário claramente excessivas. Os mercados do crédito continuam a enfrentar uma série de desafios, desde o conflito no Irão até às vulnerabilidades emergentes no crédito privado, o que justifica uma posição mais cautelosa no *high yield* europeu. No entanto, esta classe de ativos tem revelado resiliência (ver “Perspetivas de Mercado” na página 10), com os sólidos fundamentais das empresas a apoiar a contenção dos *spreads*. Por último, e numa perspetiva de diversificação, continuamos a privilegiar a dívida dos mercados emergentes em moeda local, especialmente devido aos seus ainda atrativos rendimentos reais.



MANTER-SE INVESTIDO apesar da volatilidade

FOREX

O dólar norte-americano recuperou, refletindo o seu estatuto de moeda de refúgio no atual ambiente de conflito. Porém, as perspetivas de médio prazo são menos favoráveis e antecipamos um câmbio EUR/USD de 1,23 até 2026. Quando os mercados acionistas estabilizarem e o preço do petróleo atingir o pico, é provável que o dólar retome a sua trajetória descendente, impulsionado por bancos centrais e investidores de todo o mundo que procuram diversificar a sua exposição para além da moeda norte-americana. A evolução do sistema do petrodólar apoia ainda mais este ponto de vista, dado que os países do Médio Oriente se mostram menos dispostos a aplicar as receitas do petróleo em títulos do tesouro dos EUA. O ouro continua a ser sustentado por fatores estruturais, incluindo a diversificação dos bancos centrais, os riscos geopolíticos e a elevada dívida das economias desenvolvidas, isto apesar das recentes vendas por parte de alguns bancos centrais de economias emergentes que penalizaram o metal amarelo.

Em suma, desde o início do conflito com o Irão que nos mantemos investidos, ao mesmo tempo que procedemos a alguns ajustamentos táticos para singrar neste período de volatilidade, nomeadamente reduzindo as alocações no crédito e na Europa, enquanto reconstituímos algumas reservas de liquidez. Caso se confirme um desanuviamento nas próximas semanas e se as infraestruturas energéticas não forem sujeitas a danos adicionais significativos, o cenário central continuará a ser construtivo para as ações.

CONVICÇÕES FUNDAMENTAIS – POSIÇÃO TÁTICA

○ 18.03.2026

● 16.04.2026



Fonte: Indosuez Wealth Management.



Francis TAN
Chief Strategist Asia

Desde que os Estados Unidos e Israel atacaram o Irão, em 28 de fevereiro de 2026, o Médio Oriente continua mergulhado num conflito. Embora tenham surgido alguns sinais de desanuviamento, a incerteza persiste, o que representa tanto riscos como oportunidades para os mercados emergentes. No corrente mês, centramo-nos nas oportunidades na Ásia emergente, seguindo-se a América Latina no próximo mês.

A DEPENDÊNCIA ENERGÉTICA DA ÁSIA: UM JOGO DE NÚMEROS

Conforme recentemente observou o ministro dos Negócios Estrangeiros de Singapura, 90% do petróleo bruto e 83% do gás natural liquefeito (GNL) que transitam pelo Estreito de Ormuz têm como destino a Ásia. Isto torna a região asiática particularmente exposta a qualquer perturbação do abastecimento ou aumento dos preços.

Na Ásia, as consequências já são visíveis. As Filipinas declararam, em 24 de março, uma emergência energética nacional, com os stocks de petróleo a caírem para apenas 45 dias de abastecimento. A transportadora nacional do Vietname reduziu voos em resposta à escassez de combustível. Mesmo nos casos em que a oferta física se mantém a níveis adequados, a persistência de preços elevados está a sobrecarregar os orçamentos governamentais, a impulsionar a inflação e a afetar o crescimento e as balanças comerciais (gráfico 1, página 9).

AUTONOMIA ESTRATÉGICA: A RESPOSTA EVOLUTIVA DA ÁSIA

Face a estas vulnerabilidades, o conceito de autonomia estratégica tornou-se cada vez mais central no discurso da política energética asiática. Está em causa a capacidade desta região para assegurar as suas necessidades energéticas de forma independente, minimizando a exposição aos choques externos e às perturbações geopolíticas.

Embora no longo prazo a aspiração continue a ser a total autossuficiência, as economias asiáticas estão ativamente a tomar medidas no sentido de aumentar a sua capacidade de resistência. Estas incluem a diversificação das fontes de importação de energia para além do Médio Oriente, o crescimento das reservas estratégicas de petróleo, a aceleração do investimento nas energias renováveis e na produção interna, e a criação de quadros regionais de cooperação energética.

Embora ainda em curso, tais esforços são fundamentais para reduzir a dependência estrutural da Ásia de vias de abastecimento voláteis e para reforçar o poder de negociação da região nos mercados energéticos mundiais.

RISCOS MACROECONÓMICOS: QUANTIFICAÇÃO DO CHOQUE

Para já, as consequências económicas são significativas e quantificáveis. Segundo as estimativas da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), cada aumento de 10 dólares no preço do petróleo bruto (a partir de uma base de 80 dólares por barril) ao longo de 6 a 12 meses aumenta a inflação em cerca de 1 ponto percentual e reduz o crescimento do produto interno bruto (PIB) em cerca de 0,7 pontos percentuais durante 2 a 4 trimestres.

Com o Brent a rondar os 100 dólares por barril, logo uma subida de 20 dólares em relação à base de referência, isto implica um aumento de 2 pontos percentuais na taxa de inflação média da ASEAN (da base de referência de 2,1% em 2026 para cerca de 4%) e uma redução no crescimento de 1,4 pontos percentuais (de 4,6% para cerca de 3,2%), o ritmo mais lento desde a pandemia de COVID-19. Se o preço aumentasse para 150 dólares por barril e aí se mantivesse durante 6 a 12 meses, a inflação na ASEAN poderia aumentar até 7 pontos percentuais, aproximando-se dos 10%, enquanto o crescimento poderia cair 5 pontos percentuais, o que poderia levar a região a entrar em recessão.

EFEITOS SECUNDÁRIOS SETORIAIS E NAS CADEIAS DE ABASTECIMENTO

Para além dos principais parâmetros, são os efeitos de segunda ordem que estão a aumentar. Os seguintes setores – transportes, aviação, transporte marítimo, indústria transformadora e logística – enfrentam um aumento dos custos de produção, assim como incerteza relativamente às cadeias de abastecimento. Os abastecimentos de matérias-primas essenciais, como sejam os fertilizantes, o enxofre, o hélio e o alumínio, também estão em risco, com efeitos em cadeia a propagarem-se à atividade económica em geral.

MEDIDAS DE RESPOSTA PRIMEIRO AS ORÇAMENTAIS, DEPOIS AS MONETÁRIAS

Até ao momento, os bancos centrais da Ásia têm-se absterido de tomar medidas drásticas. A subida das taxas de juro em resposta ao aumento do preço do petróleo poderia travar o crescimento numa altura em que o choque energético está a diminuir. Por isso, é provável que a maioria dos bancos centrais asiáticos não reaja ao pico inicial, atuando apenas se a depreciação da moeda e os efeitos de segunda ordem ameaçarem as expectativas de inflação, embora os dados mais recentes sobre a mesma já tenham acusado alguns sinais de repercussão.



VARIAÇÃO
HOMÓLOGA DA
INFLAÇÃO de
+4,7% no Vietname

É provável que se verifiquem divergências de políticas, refletindo os diferentes contextos de inflação e de dinâmica cambial. A Tailândia, com uma inflação moderada, pode dar-se ao luxo de se manter na expectativa, enquanto a China poderá ter margem para apenas uma flexibilização moderada se o crescimento abrandar. O recente agravamento, em março, das taxas de inflação da Coreia do Sul (2,2% em variação homóloga), da Indonésia (3,5%), das Filipinas (4,1%) e do Vietname (4,7%) será um fator de maior peso nas próximas medidas dos respetivos bancos centrais.

Dado que os instrumentos monetários têm um impacto limitado na inflação induzida pelos custos, os governos estão a recorrer a medidas orçamentais. Em toda a Ásia, as autoridades adotaram rapidamente medidas para limitar os aumentos dos preços da gasolina, do gasóleo e da eletricidade, mediante a redução da carga fiscal sobre os produtos petrolíferos e a libertação de reservas estratégicas.

A Coreia do Sul e a Índia estão a preparar apoios orçamentais suplementares. Singapura lançou um pacote de apoio extraorçamental de mil milhões de dólares de Singapura para ajudar as famílias e as empresas a gerir o aumento dos custos da energia e da logística.

A Indonésia, por seu lado, poderá permitir que o seu défice orçamental exceda temporariamente o limite máximo de 3%, tal como aconteceu durante a pandemia COVID-19.

Se a crise se prolongar, poderão ser necessárias novas intervenções, nomeadamente subsídios mais elevados, racionamento dos abastecimentos e estabilização da moeda. Num contexto de ventos contrários a nível mundial, a boa notícia é que a maioria das economias asiáticas se encontra numa situação orçamental bem melhor do que a registada durante a crise financeira mundial.

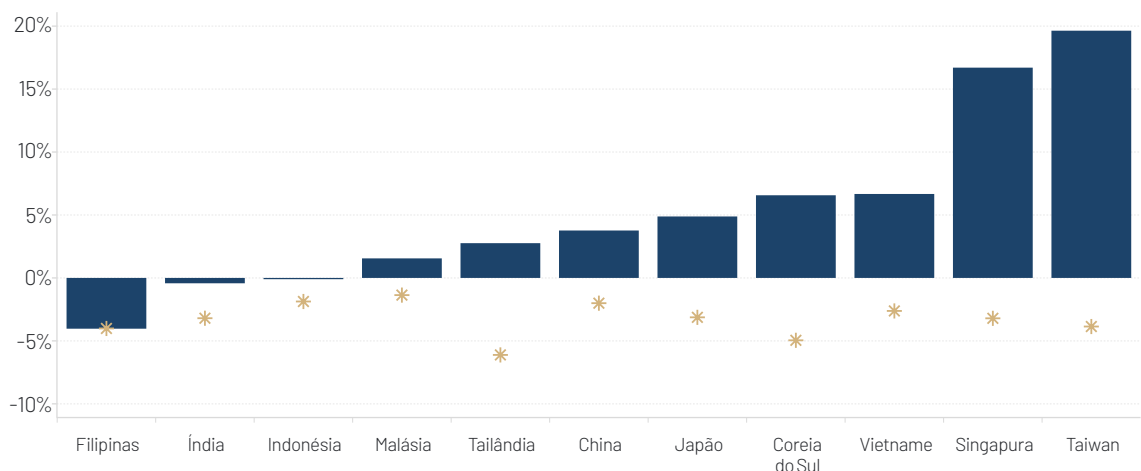
IMPLICAÇÕES PARA O INVESTIMENTO: RISCOS E OPORTUNIDADES

Para os investidores, a nova normalidade de preços de energia elevados exige uma reavaliação da relação rendimento/risco:

- Produtores de energia e energias renováveis: os produtores asiáticos de petróleo e gás (Malásia, Indonésia, Brunei) beneficiam de lucros inesperados, enquanto o aumento dos preços dos combustíveis fósseis torna mais competitivos os setores das energias renováveis e da eficiência energética.
- Setores com utilização intensiva de energia: a indústria transformadora, a indústria química e os transportes enfrentam pressões sobre as margens e uma potencial perda de competitividade.
- Rendimento fixo: os emitentes de dívida soberana e empresarial dos países importadores de energia podem enfrentar custos de crédito mais elevados e um maior risco de incumprimento.
- Forex: as moedas dos exportadores líquidos de energia podem registar uma apreciação, enquanto as moedas dos importadores ficam sujeitas a pressões, o que exige coberturas e diversificação.
- Ativos alternativos: as infraestruturas, as tecnologias limpas e as soluções digitais de gestão da energia deverão registar um aumento da procura e do investimento.

GRÁFICO 1: BALANÇA DE TRANSAÇÕES CORRENTES E BALANÇA COMERCIAL LÍQUIDA DE PETRÓLEO EM PAÍSES ASIÁTICOS SELECIONADOS, EM % DO PIB

* Balança comercial líquida do petróleo ● Balança de transações correntes



Fontes: Macrobond (2026), Indosuez Wealth Management.

Crédito: uma âncora em mares agitados



Charles-Henri
BOIVIN
Head of Credit Research

Num contexto de volatilidade dos mercados, a dívida negociada em bolsa tem demonstrado resistência. As taxas de rendibilidade subiram, impulsionadas pelas taxas soberanas e por expectativas de inflação mais elevadas, mas o alargamento dos spreads de crédito foi contido, sustentado por fundamentais empresariais saudáveis. O mercado primário da dívida continua aberto e as novas janelas de emissões registaram um claro interesse por parte dos investidores.

A dívida negociada em bolsa não ficou imune ao alargamento dos *spreads* no mercado global subsequente ao conflito no Irão. Globalmente, as taxas de rendibilidade do crédito registaram uma subida gradual em todos os setores, impulsionadas pela subida das taxas dos títulos do Tesouro dos Estados Unidos e das taxas do Bund alemão. De facto, o acentuado aumento dos preços do petróleo e do gás natural desencadeou revisões em alta das previsões de inflação e dos potenciais apoios financeiros governamentais às famílias. No entanto, a reação dos *spreads* de crédito foi mais suave no índice *investment grade* dos EUA, que se manteve abaixo da marca dos 100 pontos base, do que no *investment grade* da zona euro, que subiu de 75 para 103 pontos base, para depois recuperar acentuadamente na sequência do anúncio do cessar-fogo no início de abril. De qualquer modo, estes níveis mantiveram-se significativamente abaixo do limiar dos 125-130 pontos base registado durante o pico das preocupações suscitadas pelas taxas aduaneiras do “Dia da Libertação”. A tendência foi semelhante nos segmentos de maior risco do mercado do crédito, com os *spreads* secundários do *high yield* da zona euro e do índice *high yield* dos EUA a evoluírem no mesmo sentido e para níveis semelhantes (de 275 pontos base para 345 pontos base), bem abaixo da marca dos 450 pontos base atingida no “Dia da Libertação”.

Mas o mais importante agora é que as empresas mantêm fundamentais de crédito robustos, com balanços geridos de forma conservadora e indicadores de crédito sólidos. Conforme ilustrado pelo gráfico 2, na página 11, no *investment grade*, a alavancagem líquida manteve-se estável durante vários anos e ao nível moderado de 2,5x, enquanto os rácios de cobertura dos juros são elevados, à altura de 6,3x, o que reflete uma forte capacidade de serviço da dívida. No *high yield*, os rácios também são sólidos, com uma alavancagem líquida média de 3,6x nos EUA e de 3,3x na Europa, níveis que sugerem uma gestão financeira prudente. É importante referir que as taxas de incumprimento no *high yield* permanecem a níveis controláveis. Segundo dados recentes, ascendem a 2,1% nos EUA e 3,1% na Europa.

É também de salientar que quase metade do índice de crédito respeita a instituições financeiras, principalmente bancos. Este importante setor do crédito também beneficiou de fundamentais extremamente sólidos, associados a uma regulamentação mais rigorosa e a um ambiente económico favorável. Os níveis de capitalização atingiram níveis saudáveis, com reservas substanciais, e a qualidade dos ativos tem-se mostrado resiliente ao longo dos últimos anos.

UMA IMAGEM MAIS DIFERENCIADA DOS DADOS TÉCNICOS

No que diz respeito aos fluxos de fundos, as recentes tendências na classe de ativos de crédito têm sido mistas. Após um forte início de ano, os fluxos nos fundos de investimento em geral registaram uma volatilidade generalizada durante as últimas semanas. Os fundos de *high yield* registaram resgates mais elevados, embora o ritmo desses resgates tenha vindo a abrandar. Os fundos de *investment grade* registaram



Quase METADE DO ÍNDICE DE CRÉDITO

respeita a instituições financeiras, principalmente BANCOS

SOLIDEZ DOS FUNDAMENTAIS DAS EMPRESAS

Durante o recente período de volatilidade, os mercados do crédito consideraram um choque energético de curta duração nos lucros das empresas, ao contrário do que aconteceu em 2022 com as preocupações surgidas quanto à capacidade a longo prazo da Europa para alterar estruturalmente a sua dependência energética em relação à Rússia.

várias semanas consecutivas de resgates moderados, mas isto depois de 36 semanas de subscrições. Ao mesmo tempo, o mercado primário do crédito foi tendo uma atividade intermitente. Durante os períodos de maior volatilidade, a atividade de emissão sofreu uma pausa, mas assim que as condições o permitiram, os emitentes voltaram rapidamente ao mercado. Este comportamento ordenado e disciplinado do mercado primário teve um efeito de contenção nos *spreads* e refletiu o bom funcionamento do mercado do crédito em geral. Todas as classes de ativos de crédito conseguiram encontrar colocação com uma ainda grande procura de novas emissões por parte dos investidores. As emissões mais recentes incluíram a dívida híbrida subordinada em três tranches de um fabricante europeu de automóveis (com cupões entre 6,25% e 8,25%) e as obrigações sénior em USD de 2028 de uma seguradora sediada nos EUA (notação AA-; cupão de 4,25%). Estes exemplos ilustram uma procura contínua por parte dos investidores e a capacidade de diversos emitentes para aceder ao mercado primário em diferentes condições.

O CRÉDITO PRIVADO NO CENTRO DAS ATENÇÕES

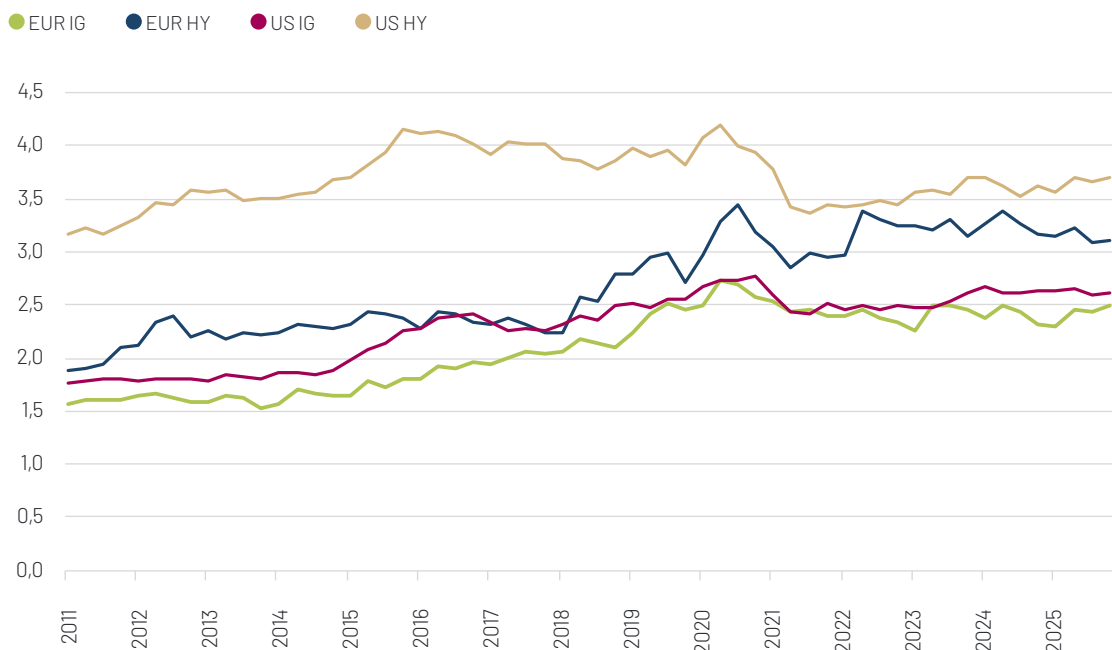
O crédito privado possui várias definições. De forma geral, refere-se ao financiamento concedido a empresas e outros mutuários através de operações de dívida negociadas privadamente e que não são transaciona-

das em mercados públicos. No sentido tipicamente aceite entre os profissionais dos mercados privados, diz respeito a empréstimos sénior garantidos não classificados, concedidos por fundos privados a empresas apoiadas por patrocinadores de Private Equity. Este tipo de financiamento, também designado por *Direct Lending*, segue um modelo *originate-to-hold* e incide, em geral, sobre empresas com fluxos de caixa robustos e geradores de liquidez. Neste mercado, avaliado em cerca de um bilião de dólares, metade está alocada em fundos semi-líquidos que, em regra, oferecem liquidez trimestral aos investidores.

Nos últimos meses, o *Direct Lending* tem sido frequentemente confundido com Broadly Syndicated Loans (BSL), que dizem respeito a empréstimos privados não classificados concedidos por bancos, num modelo *originate-to-distribute*. Alguns incumprimentos de destaque em BSL, aliados à confusão mediática entre BSL e *Direct Lending*, conduziram a um aumento dos resgates em fundos semi-líquidos de *Direct Lending*. As incertezas relativamente ao impacto da inteligência artificial (IA) nas empresas de *software* também originaram resgates adicionais.

No geral, o *Direct Lending* mantém-se de dimensão reduzida face aos 242 biliões de dólares em ativos financeiros nos EUA e as suas taxas de incumprimento permanecem em níveis modestos, sendo improvável que gerem risco sistémico.

GRÁFICO 2: RÁCIO DÍVIDA LÍQUIDA/EBITDA DAS EMPRESAS



Fontes: Bloomberg (2026), Indosuez Wealth Management.

DADOS A 16.04.2026

TÍTULOS DA DÍVIDA PÚBLICA	RENDIMENTO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS (PB)	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL (PB)
Títulos do Tesouro dos EUA de 10 anos	4,31%	6,19	14,42
França 10 anos	3,67%	3,20	11,00
Alemanha 10 anos	3,03%	7,30	17,60
Espanha 10 anos	3,48%	1,70	19,40
Suíça 10 anos	0,43%	6,20	10,70
Japão 10 anos	2,40%	13,40	34,40

TÍTULOS	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Títulos da Dívida Pública de Mercados Emergentes (ME)	42,28	2,76%	1,70%
Títulos da Dívida Pública em EUR	213,51	0,27%	-0,18%
High yield em EUR Corporativo	242,21	1,12%	0,00%
High yield em USD Corporativo	398,00	1,71%	1,14%
Títulos da Dívida Pública dos EUA	337,12	0,25%	0,33%
ME Corporativos	45,75	0,73%	-0,26%

MOEDAS	ÚLTIMO SPOT	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
EUR/CHF	0,9232	1,07%	-0,81%
GBP/USD	1,3527	0,71%	0,39%
USD/CHF	0,7838	-0,56%	-1,11%
EUR/USD	1,1781	1,66%	0,30%
USD/JPY	159,17	0,91%	1,57%

ÍNDICE DE VOLATILIDADE	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
VIX	17,94	-6,12	2,99

ÍNDICES DE AÇÕES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
S&P 500 (EU)	7.041,28	6,58%	2,86%
FTSE 100 (Reino Unido)	10.589,99	5,23%	6,63%
STOXX Europe 600	616,95	5,71%	4,18%
Topix	3.814,46	5,68%	11,89%
MSCI World	4.595,65	6,70%	3,73%
Shanghai SE Composite	4.736,61	3,35%	2,30%
MSCI Emerging Markets	1.603,26	8,61%	14,16%
MSCI Latam (América Latina)	3.336,54	12,36%	23,15%
MSCI EMEA (Europa, Oriente Médio, África)	278,10	9,43%	7,29%
MSCI Asia Ex Japan	1.038,63	7,71%	13,71%
CAC 40 (França)	8.262,70	5,83%	1,39%
DAX (Alemanha)	24.154,47	5,76%	-1,37%
MIB (Itália)	48.026,94	9,90%	6,86%
IBEX (Espanha)	18.089,50	7,00%	4,52%
SMI (Suíça)	13.173,17	5,73%	-0,71%

COMMODITIES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Barra de Aço (CNY/Tm)	3.087,00	-1,37%	-0,58%
Ouro (USD/Onça)	4.790,06	3,01%	10,90%
Petróleo bruto WTI (USD/Barril)	94,69	-1,51%	64,91%
Prata (USD/Onça)	78,71	11,01%	11,48%
Cobre (USD/Tm)	13.270,50	9,25%	6,82%
Gás natural (USD/MMBtu)	2,65	-16,39%	-28,19%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

RETORNOS MENSIS SOBRE INVESTIMENTO, EXCLUÍDO DIVIDENDOS

● FTSE 100 ● Topix ● MSCI World ● MSCI EMEA ● MSCI Emerging Markets
● STOXX 600 ● S&P 500 ● Shanghai SE Composite ● MSCI Latam ● MSCI Asia Ex Japan

	JANEIRO 2026	FEVEREIRO 2026	MARÇO 2026	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ACUMULADO ANUAL (16.04.2026)
	15,19%	10,44%	-1,66%	-4,47%	23,15%
	8,81%	6,72%	-3,72%	-5,09%	14,16%
	8,77%	5,79%	-4,76%	-5,53%	13,71%
	8,16%	5,41%	-4,89%	-6,55%	11,89%
	4,62%	3,74%	-5,30%	-6,73%	7,29%
	3,18%	3,70%	-5,57%	-8,00%	6,63%
	2,94%	1,54%	-6,30%	-10,27%	4,18%
	2,19%	0,64%	-6,67%	-11,19%	3,73%
	1,65%	0,09%	-7,61%	-13,26%	2,86%
	1,37%	-0,87%	-9,43%	-13,87%	2,30%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

MELHOR DESEMPENHO



PIOR DESEMPENHO



Conheça a equipa editorial internacional da Indosuez Wealth Management, dedicada a transmitir com precisão e eficácia as estratégias de investimento elaboradas pelos nossos especialistas em todo o mundo, com o objetivo de garantir aos nossos clientes um serviço de excelência.

**Delphine
DI PIZIO TIGER**
Deputy Global Head of
Investment Management

**Alexandre
DRABOWICZ, CAIA**
Global Chief
Investment Officer

**Jérôme
VAN DER BRUGGEN**
Chief Market Strategist

Bénédicte KUKLA
Chief Strategist

Hans BEVERS
Chief Economist
Degroof Petercam

Lucas MERIC
Cross Asset Strategist

Francis TAN
Chief Strategist Asia

Alexandre GAUTHY
Senior Cross-Assets Manager /
Market Forex Strategist

Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation

Jean-Marc TURIN, CFA
Head of Patrimonial Funds

Adrien ROURE
Multi-Asset Portfolio Manager

Mafalda DOS SANTOS
Global Head of
Content Marketing

Blockchain: Tecnologia de armazenamento e transmissão de informação, sob a forma de uma base de dados que tem a particularidade de ser partilhada simultaneamente com todos os seus utilizadores, e que geralmente não depende de nenhum órgão central.

BLS: Bureau of Labor Statistics.

Bottom-up (em inglês, cujo significado é "ascendente"): Análises, ou estratégias de investimento, que se concentram em especificidades e contas corporativas individuais, em oposição à análise *top-down* (descendente) que se concentra em agregados macroeconómicos.

Brent: Um tipo de petróleo bruto doce, frequentemente usado como referência para o preço do petróleo bruto na Europa.

Cíclico: Cíclico é um estilo que se refere a empresas dependentes das mudanças na economia de forma geral. Essas ações representam empresas cujos lucros estarão mais altos quando a economia estiver prosperando.

Defensivo: Defensivo é um estilo que se refere a empresas mais ou menos imunes às alterações das condições económicas.

Deflação: A deflação é o oposto da inflação. Ao contrário desta, a deflação se caracteriza por uma queda duradoura e autossustentável do nível geral de preços.

Duração: Reflete a sensibilidade de um título ou fundo de títulos a alterações nas taxas de juro; expressa em anos. Quanto maior a duração de um título, mais seu preço é sensível a quaisquer alterações nas taxas de juro.

EBIT (Earnings Before Interests and Taxes): Refere-se aos lucros gerados antes de quaisquer juros financeiros e impostos serem levados em conta. Pega os lucros e subtrai as despesas operacionais e, portanto, também corresponde a "lucro operacional".

EBITDA (Earnings Before Interests, Taxes, Depreciation and Amortisation): O EBITDA leva em conta o lucro líquido e acrescenta juros, impostos e depreciação. Ele é usado para medir a lucratividade operacional de uma empresa antes de despesas não operacionais e encargos não monetários.

ESG: Ambiental, social e governamental.

Estagflação: Se refere a uma economia que passa simultaneamente por um aumento da inflação e uma estagnação na produção económica.

FDIC: A Federal Deposit Insurance Corporation (Corporação Federal de Seguro de Depósitos) é uma agência governamental independente dos EUA que assegura os depósitos de particulares em bancos e outras instituições financeiras até 250.000 dólares em caso de falência.

Fed: Reserva Federal dos EUA, ou seja, o banco central dos Estados Unidos.

FMI: O Fundo Monetário Internacional.

FOMC (Federal Open Market Committee): É o órgão de política monetária do Federal Reserve dos EUA.

Growth: Estilo *Growth* refere-se a empresas com expectativas de crescimento de vendas e de resultados a um ritmo mais acelerado do que a média de mercado. Dessa forma, ações *Growth* geralmente se caracterizam por uma valorização mais alta do que a do conjunto do mercado.

Índice de surpresas económicas: Especifica o nível de desempenho superior dos dados macroeconómicos publicados em relação às expectativas dos previsores (consenso).

Índice dos gerentes de compras: PMI - Purchasing Manager Index em Inglês.

IPC (índice de preços ao consumidor): Permite estimar, entre dois dados períodos, a variação do preço médio dos bens e serviços consumidos pelas famílias. É usado como medida de inflação.

ISM: Sigla para Institute for Supply Management (Instituto de Gestão de Suprimentos, em português).

Lei GENIUS: Acrónimo de *Guiding and Establishing National Innovation for US Stablecoins*, é uma lei federal dos Estados Unidos, aprovada em julho de 2025, que cria um quadro regulamentar para as *stablecoins*, criptomoedas cujo valor é apoiado por uma moeda fiduciária como o dólar americano.

LPA (Earnings per share): Lucro por ação.

Notações: As notações das obrigações variam geralmente entre AAA (qualidade mais elevada) e C (qualidade mais baixa), por ordem decrescente: AAA - AA - A - BBB - BB - B - CCC - CC - C.

Obrigações de alto rendimento: As obrigações de alto rendimento (*high yield*) têm uma qualidade inferior à das obrigações *investment grade*, mas, tal como estas últimas, são, na sua maior parte, objeto da notação de uma agência especializada.

OCDE: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico.

"One Big Beautiful Bill Act" (em português Grande e Bela Lei): É o nome dado a um amplo projeto de lei de reconciliação orçamentária aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos e sancionado pelo Presidente Trump em 4 de julho de 2025. Trata-se de uma grande e complexa legislação que inclui numerosas disposições que afetam vários aspectos da vida americana, incluindo impostos, assistência médica, política energética e muito mais.

OMC: Organização Mundial do Comércio.

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo; 14 membros.

OPEP+: OPEP mais 10 países adicionais, a saber, Rússia, México e Cazaquistão.

PIB (produto interno bruto): O PIB mede a produção anual de bens e serviços de um país pelos operadores que residem no território nacional.

Ponto base (pb): 1 ponto base = 0,01%.

Ponto de equilíbrio da inflação (ou "inflation breakeven" em inglês): Nível de inflação que equilibra os rendimentos de títulos nominais e títulos indexados à inflação (de vencimento e qualidade idênticas). Em outras palavras, é o nível de inflação no qual, para um investidor, tanto faz possuir um título nominal como um título indexado à inflação. Assim, representa as expectativas de inflação, em uma área geográfica, para um determinado prazo de vencimento.

Poder de precificação: Expressão que designa a capacidade, de uma empresa ou marca, para aumentar seus preços, sem que isso afete a demanda por seus produtos.

Qualidade: Ações de Qualidade referem-se a empresas com lucros mais altos e mais confiáveis, endividamento baixo e outras medidas de rendimentos estáveis e de forte governança. Características comuns das ações de Qualidade são o alto retorno ao patrimônio líquido, a variabilidade da dívida em relação ao patrimônio líquido e a variabilidade dos rendimentos.

Quantitative easing (QE): Um instrumento de política monetária pelo qual o banco central adquire ativos como títulos, a fim de injetar liquidez na economia.

SAFE ("Security Action For Europe"): programa europeu de 150 mil milhões de euros destinado a facilitar a aquisição conjunta de armas pelos Estados-Membros da UE. Faz parte de um plano mais vasto de rearmamento do continente apresentado pela Comissão Europeia e que tem por objetivo mobilizar até 800 mil milhões de euros.

SEC (Securities and Exchange Commission): A SEC é uma agência federal independente com responsabilidade pelo funcionamento ordenado dos mercados de valores mobiliários dos EUA.

Spread (ou spread de crédito): Um *spread* é a diferença entre dois ativos, tipicamente entre taxas de juro, como aquelas de títulos corporativos sobre um título do governo.

SRI: Investimentos Sustentáveis e Responsáveis.

Taxa de swap a termo de cinco anos sobre cinco anos: Métrica de mercado que mede a expectativa de inflação anual média num período de cinco anos a partir de cinco anos no futuro. Dá uma ideia de como as expectativas de inflação podem mudar no futuro.

Value: Estilo *Value* refere-se a empresas que parecem ser negociadas a um preço mais baixo em relação a seus fundamentos. Características comuns das ações *Value* incluem alto rendimento de dividendos, relação baixa de preço sobre o valor patrimonial e relação baixa de preço sobre lucro.

VIX: O índice da volatilidade implícita do índice S&P 500. Mede as expectativas dos operadores de bolsa de 30 dias de volatilidade, com base em opções de índice.

Este documento intitulado "Monthly House View" (a "brochura") é publicado apenas para fins de comunicação de marketing.

Os idiomas em que é redigida fazem parte dos idiomas de trabalho da Indosuez Wealth Management.

As informações publicadas nesta brochura não foram revisadas, nem estão sujeitas à aprovação ou autorização de qualquer autoridade reguladora ou de mercado, em qualquer jurisdição.

A brochura não é destinada a pessoas de nenhum país em particular.

A brochura não se destina a pessoas que são cidadãos, domiciliadas ou residentes em um país ou jurisdição onde sua distribuição, publicação, disponibilidade ou uso possam violar as leis ou regulamentos em vigor.

Este documento não constitui ou contém uma oferta ou convite para comprar ou vender qualquer instrumento financeiro e/ou serviço de qualquer natureza. Da mesma forma, ele não constitui, de forma alguma, uma estratégia, recomendação ou assessoria de investimento ou desinvestimento, geral ou personalizada, assessoria jurídica ou fiscal, assessoria de auditoria ou qualquer outra assessoria de natureza profissional. Nenhuma representação é feita quanto à adequação ou adequabilidade de qualquer investimento ou estratégia em relação a circunstâncias individuais, ou de que qualquer investimento ou estratégia constitui assessoria de investimento personalizada para qualquer investidor.

A data relevante neste documento é, salvo indicação em contrário, a data de edição mencionada na última página deste termo. As informações nele contidas são baseadas em fontes consideradas fidedignas. Envidaremos todos os esforços para garantir a pontualidade, precisão e abrangência das informações contidas neste documento. Todas as informações, bem como o preço, as avaliações de mercado e os cálculos aqui indicados estão sujeitos a alteração sem aviso prévio. Os preços e desempenhos passados não são necessariamente um guia para os preços e desempenhos futuros.

Os riscos incluem, entre outros, riscos políticos, riscos de crédito, riscos cambiais, riscos econômicos e riscos de mercado. Antes de realizar qualquer transação, deve consultar seu consultor de investimento e, quando necessário, obter assessoria profissional independente relativamente aos riscos, bem como a todas as consequências jurídicas, regulamentares, de crédito, tributárias e contábeis. É aconselhável entrar em contato com seus consultores usuais para tomar suas decisões de forma independente considerando sua situação financeira particular e seu conhecimento e experiência.

As taxas de câmbio em moeda estrangeira podem afetar adversamente o valor, preço ou receita do investimento, quando este é realizado e convertido de volta para a moeda base do investidor.

CA Indosuez, sociedade francesa, holding do negócio de gestão de fortunas do grupo Crédit Agricole e suas subsidiárias ou entidades relacionadas, nomeadamente CA Indosuez (Switzerland) SA, CA Indosuez Wealth (Europe), CFM Indosuez Wealth, suas respectivas subsidiárias, filiais e escritórios de representação, onde quer que estejam, operam sob a marca única da Indosuez Wealth Management. Cada uma das subsidiárias, suas próprias subsidiárias, filiais e escritórios de representação, bem como cada uma das outras entidades da Indosuez Wealth Management, são designadas individualmente por "Entidades" e coletivamente por "Entidades".

As Entidades ou seus respetivos acionistas, bem como seus próprios acionistas, subsidiárias e, mais geralmente, as empresas do grupo Crédit Agricole SA ("Grupo") e, respectivamente, seus diretores, gestores seniores ou funcionários podem, individualmente ou em nome e representação de terceiros, realizar transações com os instrumentos financeiros descritos na brochura, deter outros instrumentos financeiros em relação ao emissor ou ao fiador desses instrumentos financeiros, ou prestar ou procurar prestar serviços de valores mobiliários, serviços financeiros ou qualquer outro tipo de serviço para ou dessas Entidades. Quando uma Entidade e/ou uma entidade do Grupo Crédit Agricole atua como consultor e/ou gestor de investimentos, administrador, distribuidor ou agente de colocação para determinados produtos ou serviços mencionados na brochura, ou realiza outros serviços em que uma Entidade ou o Grupo Crédit Agricole detém ou pode deter um interesse, direto ou indireto, sua Entidade dará sempre prioridade ao interesse do investidor.

Alguns investimentos, produtos e serviços, incluindo a custódia, podem estar sujeitos a restrições legais e regulamentares, ou podem não estar disponíveis em todo o mundo de forma irrestrita, tendo em conta a lei de seu país de origem ou país de residência, ou de qualquer outro país com o qual possa ter laços. Em especial, os produtos ou serviços apresentados na brochura não se destinam a residentes dos EUA e do Canadá. Os produtos ou serviços podem ser fornecidos pelas Entidades de acordo com seus preços e condições contratuais, em conformidade com as leis e regulamentos aplicáveis, e sujeitos a suas respetivas licenças. Podem ser modificados ou retirados a qualquer momento sem qualquer notificação.

Entre em contato com seu gerente de relacionamento para mais informações.

De acordo com os regulamentos aplicáveis, cada Entidade disponibiliza a brochura:

- **Na França:** a brochura é distribuída por CA Indosuez, uma sociedade anônima de responsabilidade limitada sob a lei francesa, com um capital social de 853.571.130 euros, empresa-mãe do grupo Indosuez e uma instituição bancária de serviços completos autorizada a fornecer serviços de investimento e corretagem de seguros, cuja sede está localizada em 17, rue du Docteur Lancereaux, 75008 Paris, França, registrada no Registro Comercial e de Empresas de Paris sob o número 572 171 635 (número de identificação individual de IVA: FR 075 72 17 16 35).
- **No Luxemburgo:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sociedade anônima de direito luxemburguês, com sede social em 2520 allée Scheffer L-986 Luxemburgo, inscrita no Registro Comercial sob o número B91.986 e que possui a condição de entidade de crédito autorizada estabelecida no Luxemburgo e supervisionada pela Comissão de Supervisão do Setor Financeiro (CSSF).
- **Em Espanha:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe) Sucursal em Espanha, supervisionada pelo Banco de Espanha (www.bde.es) e pela Comissão Nacional do Mercado de Valores (CNMV, www.cnmv.es), uma sucursal da CA Indosuez Wealth (Europe). Morada: Paseo de la Castellana número 1, 28046 Madrid (Espanha), registrada no Banco de Espanha com o número 1545. Inscrita no Registro Comercial de Madrid com o número T 30.176, F 1, S 8, H M-543170, NIF.

- **Na Itália:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sucursal da Itália com sede em Piazza Cavour 2, Milão, Itália, registrada no Register of Banks no. 8097, código tributário e número de registro no Registro de Empresas de Milão, Monza Brianza e Lodi n. 97902220157.

- **Em Portugal:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe), Sucursal em Portugal, situada na Avenida da Liberdade, 190, 2.º B - 1250-147 Lisboa, Portugal, inscrita no Banco de Portugal sob o número 282, número fiscal 980814227.

- **Na Bélgica:** a brochura é distribuída pelo Banque Degroof Petercam SA, localizado na rue de l'Industrie 44, 1040 Bruxelas, Bélgica, registado no Registro Comercial sob o número 0403 212 172, registado na Banque-Carrefour des Entreprises (base de dados de empresas belgas) sob o número de IVA BE 0403 212 172 (RPM Bruxelas).

- **Na União Europeia:** a brochura pode ser distribuída pelas Entidades da Indosuez Wealth Management autorizadas a fazê-lo ao abrigo da Prestação Gratuita de Serviços.

- **No Mónaco:** a brochura é distribuída por CFM Indosuez Wealth, 11, Boulevard Albert 1er- 98000 Mónaco, registrada no Registro de Indústria e Comércio de Mónaco sob o número 56S00341, acreditação: CE/2012-08.

- **Na Suíça:** a brochura é distribuída por CA Indosuez (Switzerland) SA, Quai Général-Guisan 4, 1204 Genebra, e pela CA Indosuez Finanziaria SA, Via F. Pelli 3, 6900 Lugano, bem como por suas respetivas sucursais e/ou agências suíças. A brochura é material de marketing e não constitui o produto de uma análise financeira, nos termos das diretivas da Associação Suíça de Banqueiros (ASB) relativa à independência da análise financeira, tal como concebida pela lei suíça. Consequentemente, essas diretivas não são aplicáveis à brochura.

- **Em Hong Kong Região administrativa especial:** a brochura é distribuída pela filial de Hong Kong da CA Indosuez (Switzerland) SA, Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway - Hong Kong. Nenhuma das informações contidas na brochura constitui uma recomendação de investimento. A brochura não foi encaminhada à Comissão de Valores Mobiliários e Futuros (SFC) ou a qualquer outra autoridade reguladora em Hong Kong, a brochura e os produtos mencionados não foram autorizados pela SFC nos termos das Seções 103, 104, 104A ou 105 da Lei de Valores Mobiliários e Futuros (Cap. 571) (SFO).

- **Em Singapura:** a brochura é distribuída pela filial de Singapura do CA Indosuez (Switzerland) SA, 2 Central Boulevard, West Tower #12-02, IOI Central Boulevard Towers, 018916 Singapour. Em Singapura, a brochura destina-se apenas a investidores credenciados, investidores institucionais ou investidores especializados, conforme definido pela Lei de Valores Mobiliários e Futuros 2001, de Singapura. Para quaisquer perguntas relativas à brochura, os destinatários em Singapura podem entrar em contato com a filial de Singapura da CA Indosuez (Switzerland) SA.

- **No DIFC:** a distribuição da brochura é feita por CA Indosuez (Switzerland) SA, DIFC Branch, Al Fattan Currency House, Tower 2 - Level 23 Unit 4 DIFC PO Box 507232 Dubai - EAU, uma empresa regulamentada pela Autoridade de Serviços Financeiros de Dubai ("DFSA"). Esta brochura é voltada somente a clientes profissionais e/ou contrapartes de mercado e nenhuma outra pessoa deve agir com base nesse documento. Os produtos ou serviços financeiros aos quais esta publicação se relaciona somente estarão disponíveis a clientes que cumprirem com os requisitos de cliente profissional e/ou contraparte de mercado segundo a DFSA. Esta brochura é fornecida somente para fins informativos. Ela não deve ser interpretada como uma oferta de compra ou venda ou solicitação de uma oferta para compra ou venda de quaisquer instrumentos financeiros ou para participação de qualquer estratégia de negociação específica em qualquer jurisdição.

- **Nos EAU:** a brochura é distribuída pelo escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA, Abu Dhabi, Zayed - The 1st Street - Nayel & Bin Harmal Tower, 5th Floor office 504, P.O. Box 44836 Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos. A CA Indosuez (Switzerland) SA opera nos Emirados Árabes Unidos (EAU) através do seu escritório de representação, que está sob a autoridade de supervisão do Banco Central dos EAU. De acordo com as regras e regulamentos aplicáveis nos EAU, o escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA não pode exercer nenhuma atividade bancária. O escritório de representação só pode comercializar e promover atividades e produtos da CA Indosuez (Switzerland) SA. A brochura não constitui uma oferta a pessoa determinada ou ao público em geral, nem um convite para apresentar uma oferta. É distribuído em uma base privada, e não foi revisado ou aprovado pelo Banco Central dos EAU ou outra autoridade reguladora dos EAU.

- **Outros países:** as leis e regulamentos de outros países também podem limitar a distribuição desta brochura. As pessoas em posse desta brochura devem informar-se sobre quaisquer restrições legais e respeitá-las.

A brochura não pode ser fotocopiada, reproduzida ou distribuída, no todo ou em parte, seja de que forma for, sem o acordo prévio do seu Banco.

© 2026, CA Indosuez (Switzerland) SA/todos os direitos reservados.

Fotos: Adobe Stock, Unsplash, NASA.

Editado a 17.04.2026.

Presença internacional

A NOSSA HISTÓRIA

O Indosuez Wealth Management é a marca internacional de Gestão de Fortuna do grupo Crédit Agricole, o 10.º maior banco do mundo em termos de balanço (The Banker 2025).

Há mais de 150 anos que o Indosuez Wealth Management acompanha grandes clientes privados, famílias, empreendedores e investidores profissionais na gestão do seu património privado e profissional. O banco oferece uma abordagem personalizada, que permite a cada um dos seus clientes preservar e desenvolver o seu património de acordo com as suas aspirações. As suas equipas oferecem um continuum de serviços e ofertas que integram Consultoria, Financiamento, Soluções de Investimento, *Fund servicing*, Soluções tecnológicas e bancárias.

O Indosuez Wealth Management reúne mais de 4.300 colaboradores em 15 territórios no mundo: na Europa (Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Mónaco e Suíça), na Ásia-Pacífico (Hong Kong RAE, Nova Caledónia e Singapura) e no Médio Oriente (Abu Dhabi, Dubai).

Com 215 mil milhões de euros em ativos de clientes até ao final de dezembro de 2024, o Indosuez Wealth Management está entre os líderes europeus na gestão de patrimónios.

Mais informações em <https://ca-indosuez.com/>



INDOSUEZ WEALTH MANAGEMENT

O Indosuez Wealth Management conta com uma herança excepcionalmente rica, baseada em relacionamentos de longo prazo, experiência financeira e na nossa rede financeira internacional:

Ásia Pacífico

HONG KONG RAE

Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway
Hong Kong
T. +852 37 63 68 68

NOUMÉA

Le Commodore - Promenade Roger Laroque,
Anse Vata
98800 Nouméa - Nova Caledónia
T. +687 27 88 38

SINGAPURA

2 Central Boulevard, West Tower #12-02,
101 Central Boulevard Towers,
018916 Singapura
T. +65 64 23 03 25

Europa

BRUXELAS

Rue de l'Industrie 44
1000 Bruxelas - Bélgica
T. +32 2 287 91 11

GENEVBRA

Quai Général-Guisan 4
1204 Genebra - Suíça
T. +41 58 321 90 00

LISBOA

Avenida da Liberdade, n.º190, 2ºB
1250 - 147 Lisboa - Portugal
T. +351 211 255 360

LUXEMBURGO

39, Allée Scheffer
L-2520 Luxemburgo
T. +352 24 67 1

MADRID

Paseo de la Castellana 1
28046 Madrid - Espanha
T. +34 91 310 99 10

MILÃO

Piazza Cavour 2
20121 Milão - Itália
T. +39 02 722 061

MÓNACO

11, Boulevard Albert 1º
98000 Mónaco
T. +377 93 10 20 00

PARIS

17, Rue du Docteur Lancereaux
75008 Paris - França
T. +33 1 40 75 62 62

Oriente Médio

ABU DHABI

Zayed - The 1º Street -
Nayel & Bin Harmal Tower,
5th Floor office 504
PO Box 44836 Abu Dhabi
T. +971 2 631 24 00

DIFC

Al Fattan Currency House, Tower 2
Level 23 Unit 4 DIFC
PO Box 507232 Dubai
T. +971 4 350 60 00